

---

## O SUJEITO-PROFESSOR COMO EFEITO DO DISCURSO NO CONTEXTO ESCOLAR: ANÁLISE DO FILME *ENTRE OS MUROS DA ESCOLA*

Anísio Batista Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo problematizar a constituição do sujeito-professor Marin contido no filme *Entre os Muros da Escola*. Como suporte teórico-metodológico para as análises, alguns conceitos baseados em Michel Pêcheux e Jacques Lacan foram mobilizados, como sujeito, discurso, condições de produção e interdiscurso, além de outros ligados a esses supracitados. Pela leitura do *corpus*, é possível detectar um sujeito que emerge como efeito do discurso pautado pelas suas condições no contexto escolar, que o faz se constituir pelas práticas discursivas que o sustentam, tendo em vista as formações ideológicas que o interpelam.

**Palavras-chave:** Discurso. *Entre os Muros da Escola*. Sujeito-professor.

## THE SUBJECT-TEACHER AS AN EFFECT OF THE SPEECH IN THE SCHOOL CONTEXT: ANALYSIS OF THE FILM *THE CLASS*

**Abstract:** This study aims to problematize the constitution of the subject-teacher Marin contained in the movie *The Class*. As a theoretical and methodological support for the analyzes, some concepts based on Michel Pêcheux and Jacques Lacan were mobilized, such as subject, discourse, conditions of production and interdiscourse, as well as others related to those mentioned above. Through the reading of the corpus, it is possible to detect a subject that emerges as an effect of discourse based on its conditions in the school context, which makes it to be constituted by the discursive practices that sustain it, in view of the ideological formations that challenge it.

**Keywords:** Speech. *The Class*. Subject-teacher.

### Para entrar em cena...

Considerando-se as práticas discursivas, é possível afirmar que um sujeito não pode ser percebido na sua dimensão individual, aspecto que descarta a possibilidade de que o sujeito seja o senhor de seu dizer. Nessa direção, faz sentido olhar o sujeito a partir de sua constituição por meio do laço social, pelas suas condições de emergência, no aparato discursivo e sua relação com outros sujeitos e discursos.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Estudos da Linguagem Universidade Federal de Goiás-UFG. Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU. [anisiopereira2008@hotmail.com](mailto:anisiopereira2008@hotmail.com)

A partir das condições de produção do discurso, fator relevante para o entendimento de como determinado discurso aparece em certos lugares e épocas, tomar um ambiente escolar para análise faz sentido, sobretudo no contexto educacional da contemporaneidade, em que vários aspectos acabam por influenciar os conflitos escolares. Tais conflitos podem ser percebidos a partir de contrastes ideológicos dos sujeitos atuantes nesse contexto discursivo. Nessa perspectiva, o *corpus* adotado para este trabalho tem por base o sujeito-professor Marin, protagonista do filme *Entre os Muros da Escola*, objetivando problematizar a emergência desse sujeito como efeito do discurso no âmbito escolar.

O filme supracitado, lançado em 2008, com direção de Laurent Cantet e roteiro de Robin Campillo, apresenta em seu enredo a história de Marin no Colégio onde atua como professor de Língua Francesa, tendo em vista que se trata de uma escola situada na França. Quanto aos estudantes, trata-se de adolescentes na faixa etária entre 13 e 15 anos, apresentando heterogeneidade considerável tanto do ponto de vista econômico e cultural quanto étnico. Frente a essas questões, o professor procura sanar essas diferenças e buscar um meio de fazer com que a turma se torne homogênea, ideias que são compartilhadas com os colegas nas reuniões de conselho de classe. Ao longo de sua prática em sala de aula com a turma, surgem inúmeros conflitos entre os alunos e entre alunos e professor, chegando a situações extremas, como a expulsão de um dos estudantes do colégio. Assim, como personagem central e para problematizar a questão do sujeito, o professor Marin foi considerado para análise discursiva, no sentido de abordar as questões que integram esse jogo discursivo, emergindo esse sujeito como efeito do discurso. Para tanto, segue uma breve problematização dos conceitos teórico-metodológicos elencados; em seguida, a análise da trajetória desse sujeito professor, apontando os resultados e discussões, delineando para as considerações finais.

### **1 Breves problematizações dos conceitos em Michel Pêcheux e Jacques Lacan: discurso, sujeito, condições de produção e interdiscurso**

A Análise de Discurso de vertente francesa, fundada na década de 1960 por Michel Pêcheux, comporta em seu arcabouço epistemológico a linguística saussuriana, o materialismo histórico, baseado nas concepções marxistas e a psicanálise, tomando Lacan como suporte para suas formulações teóricas. Ressalte-se que Lacan busca em Freud considerações sobre os estudos do sujeito, envolvendo o inconsciente. A partir

dessa perspectiva psicanalítica, a qual Pêcheux traz para a AD, a noção de descentramento do sujeito toma forma; a ideia de que o sujeito não é o centro de seu dizer é considerada para a análise de discursos, com base nas teorias sobre o inconsciente. Nessa direção, este estudo toma os conceitos supracitados a partir das concepções desses dois teóricos, sem pretensão de aprofundar nas questões psicanalíticas, mas somente como teoria complementar de Pêcheux para a análise do *corpus* em questão.

Ressalte-se que no tocante à noção de sujeito a partir dos pressupostos teórico-metodológicos adotados, o conceito de discurso ganha cenário, tendo em vista que a constituição do sujeito se dá por meio das práticas sociais, pelos discursos. Nessa perspectiva, a linguagem entra em cena, uma vez que as interações sociais e, portanto, a formação do sujeito acontece pelas trocas envolvendo a comunicação no geral, as várias linguagens. Como o objeto adotado para este estudo se trata de um filme, as falas do personagem (aqui tomado como sujeito) professor Marin foram consideradas como enunciados.

O que é denominado de discurso, sobretudo para Pêcheux, não se trata de mera comunicação entre dois falantes em situação de comunicação, em que um enuncia e transmite uma mensagem para o interlocutor, mas que está no social. A marca linguística, embora relevante nesse processo, não comporta um ciclo fechado desse discurso, haja vista que a língua não é transparente, carecendo de buscar fora dessa materialidade algo para dar sentido ao que é dito. Nesse aspecto, não se trata de uma comunicação pura, mas de uma troca de sentidos entre sujeitos atravessados pela história e pela ideologia. O momento histórico apresenta-se como questão chave para que os sujeitos do discurso atribuam sentido ao que é dito.

Materializado no discurso está o sujeito, que fala de um lugar social, cuja posição apresenta sua marca vinculada à ideologia. Isto significa considerar que nem todo sujeito está autorizado a dizer qualquer coisa em qualquer lugar ou época. Nesse discurso produzido, elencamos a formação discursiva como conceito relevante nesse processo de emergência discursiva. A partir desses pressupostos, Pêcheux (1995, p. 160, grifos do autor) defende que “chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...]”.

Em consonância com as palavras citadas, Dunker (2016, p. 115), a partir de uma releitura de Lacan, discorre sobre o conceito de FD, abordando sobre esse lugar social que dá condições para o surgimento ou silenciamento do que se pode dizer sob determinada conjuntura. Segundo esse autor, sobre as formações discursivas, “elas especificam e individualizam quem pode falar e quem deve silenciar. Elas determinam o sentido da mensagem a partir da posição de quem a cria”.

Nessa abordagem sobre formações discursivas, aspecto do discurso que revela posições de sujeito, o qual fala a partir de um lugar social, a noção de sujeito ganha destaque, sendo que essa troca social provoca a sua constituição. Nesse contexto, como já mencionado, a noção de discurso ganha sustento a partir dos sentidos que o discurso provoca, mas que esses sentidos só são possíveis no cenário social das ideologias e pela história. Assim, é possível justificar que essas formações discursivas definem aquilo que pode ou não ser dito, tendo em vista esses fatores determinantes.

Nesse contexto em que o discurso é tomado como alvo para a atribuição de sentidos, na obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* Pêcheux (1995, p. 160, grifo do autor) sustenta que

[...] o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não “existe em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

As palavras do autor apontam para outro fator aliado à noção de discurso e sujeito sob essa vertente francesa. A ideologia é acionada como integrante responsável pelo sentido discursivo, pela troca entre os sujeitos, estes se constituem a partir de sua inscrição em dada formação discursiva em consonância com suas formações ideológicas.

Ao tratar sobre o conceito de ideologia, Pêcheux busca em Althusser sustento para suas formulações, a partir do materialismo histórico pautado pelo marxismo, pelas lutas de classes, em que destaca ideologias dominantes e ideologias dominadas. “Segundo Althusser, é tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. E enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 1997, p. 30). Nesse contexto, elencam-se os denominados aparelhos ideológicos de Estado, “a

---

escola, a família, o sindicato... [...]” (MALDIDIER, 2003, p. 68), instituições que influenciam nessa formação de posicionamentos dos sujeitos. Como o objeto deste estudo está ligado a uma instituição de ensino, consideramos que seja relevante refletir sobre o sujeito-professor no tocante às ideologias que são predominantes nesse contexto, refletindo na formação desse sujeito protagonista.

Essa abordagem baseada nas formulações althusserianas é mencionada por Dunker (2016, p. 125, grifo do autor), o qual faz uma releitura de Lacan, afirmando que “Foi essa propriedade que levou Althusser a pensar o sujeito da ideologia como este personagem ou indivíduo que se acredita implicado no *shifter* que o Outro nos impõe, ao dizer "faça isso" ou "pense assim" ou, ainda, "aja desta maneira". Essa imposição, que pode ser interpretada como algo forçado, imposto, que se denomina interpelação ideológica.

Definir o sujeito em Lacan, em consonância com os aparelhos ideológicos de Estado defendidos por Pêcheux, é entrar no jogo de um “Outro” (com “O” maiúsculo). Diz respeito à própria constituição do sujeito por meio de suas relações com essas instituições que o influenciam, colocando esse sujeito no cerne dessas ideologias que o formam, direcionando seus posicionamentos por meio da linguagem (discursos).

O sujeito é, então, interpelado pela ideologia (FUCHS, PÊCHEUX, 2010), esta tomada como aspectos simbólicos, modos de vida, enfim posicionamentos do sujeito socialmente construído e o qual é materializado pelos seus discursos nas suas práticas discursivas. Essa influência da ideologia (ou ideologias) no sujeito é denominada por Pêcheux de assujeitamento, possibilitando afirmar que esse sujeito não possui total domínio sobre seus posicionamentos, mas que essas formações ideológicas vão se dando de forma inconsciente.

Para além dessas determinações ideológicas e linguísticas (considerando que o sujeito não possui domínio sobre o sistema da língua, mas que ele é submetido a ela e exterior a ela, com base em Saussure), a descoberta do inconsciente surge como outro fator para promover esse descentramento do sujeito:

Para Lacan, o sujeito é um efeito do discurso, e não o seu autor e agente, porque esse lugar da enunciação, segundo a hipótese do inconsciente, é parcialmente insabido para o próprio falante. Em outras palavras, o eu acredita-se senhor, diretor e autor de sua fala, mas é mais seguramente um personagem que está alienado de sua própria condição de personagem (DUNKER, 2016, p. 125).

Considerar a noção de “assujeitamento” proposta por Pêcheux é trazer à tona, também, o fio condutor das formulações que defendem que o sujeito não é o centro de seu dizer, mas que é o reflexo do social, um efeito de suas práticas discursivas, nas quais povoam as ideologias. As palavras da citação acima apontam para esse inconsciente, sublinha essa vaga ilusão de origem do dizer, fator que contrasta com estudos remotos, como o existencialismo que toma o sujeito como a origem do que se diz.

Lebrun (2008) é outro teórico que se debruça sobre as teorias lacanianas e dá atenção para essa noção de sujeito que não é dono de seu dizer, afirmando, também, que o sujeito que fala é sempre da ordem da falha, dividido, nunca pleno e descontínuo, entrando no jogo desse inconsciente. Essa marca que coloca o sujeito como sempre em construção, em processo de formação, é bastante recorrente nas teorias da AD francesa, sobretudo em Pêcheux.

Considerar o sujeito que se posiciona a partir de suas formações sociais/ideológicas é tomá-lo como ser que se constitui na/pela história. Nessa direção, os discursos se vinculam ao momento histórico no qual são produzidos e suas ideologias não são fixas. Trata-se da lei da descontinuidade abordada por Lebrun (2008) baseada em Lacan. Nessa perspectiva, ao elaborar a terceira fase da AD francesa, Pêcheux (1997) complexifica seu campo disciplinar e elenca novas abordagens para o estudo do discurso, sob o viés da ideologia.

Nessas abordagens posteriores às duas fases iniciais da análise de discurso, o estudioso supracitado reformula seu conceito de formação discursiva, a qual até então era abordada sob um aspecto mais simples. Agora, o sujeito é observado como portador de várias formações discursivas/ideológicas que o atravessam. Essa premissa explica e justifica o fator histórico como chave nesse processo constituinte do sujeito, pois os discursos estão sempre se cruzando e entram nesse processo de emergência do sujeito.

Essa heterogeneidade do sujeito é pautada, ainda, pela noção de memória discursiva, conceito inaugurado por Courtine, que posteriormente ganha vários adeptos, dentre eles, Pêcheux. Este autor lança seu olhar sobre a memória como discurso já produzido, uma espécie de “pré-construído” que serve de alicerce para a elaboração de enunciados no presente da enunciação pelo sujeito e que ganha novo sentido. Essa noção de memória discursiva se aproxima do que se chama, também, de interdiscurso, em que um discurso se cruza com vários outros na constituição das produções no

presente da enunciação. Essa relação discursiva contribui para impulsionar o sentido, isto é, em que um discurso comporta outros discursos, pelas relações sociais entre sujeitos, determinadas pela história.

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*” (PÊCHEUX, 1995, p. 164, grifos do autor).

Por meio da interdiscursividade, pela relação do sujeito com outros discursos, com base nas ideologias, emerge o sujeito como efeito dessa interpelação e o sentido que é atribuído por meio desses cruzamentos discursivos. Nesse contexto, o indivíduo é assujeitado, o que o autor denomina de forma-sujeito, sendo o reflexo de suas relações com outros sujeitos e, conseqüentemente, com outros discursos.

O(s) sentido(s) de um discurso produzido em determinado momento na história se dão, ainda, pelas suas condições de produção, que comporta todo materialismo histórico, ideologias e o lugar social no qual o sujeito está inscrito. As formações imaginárias ganham lugar nesse contexto, uma vez que a imagem que o eu tem de si, do outro e do outro em relação a si, influencia nas produções discursivas. Quando Pêcheux (1995) aborda sobre semântica e discurso, seus desdobramentos pertencem à ideia de que a determinação do sentido de um discurso emergente depende também do lugar de onde fala esse sujeito, que não fala de um lugar qualquer, mas de um campo social determinado, com ideologias que marcam as suas discursividades.

Pensando nessas breves abordagens, segue a análise do filme *Entre os Muros da Escola*, cujo personagem professor Marin é tomado como sujeito que se constitui nos corredores do colégio onde trabalha. Essa análise se direciona rumo à problematização da constituição desse sujeito, como efeito do discurso no contexto escolar, dadas as condições de produção, a memória de posição de professor construída coletivamente, rumando para o denominado interdiscurso, e aspectos da ordem do inconsciente que perpassam pelo âmbito de sua emergência.

---

## **2 Um olhar para o sujeito-professor Marin segundo as perspectivas de Pêcheux e Lacan**

O sujeito-professor Marin foi tomado para análise, tendo em vista várias situações ocorridas no contexto escolar, considerando que ao longo da história, vários espaços no interior do colégio serviram de base para a emergência de discursos desse sujeito em questão: sala de aula, diretoria, sala de professores e pátio.

A análise se debruça sobre os pressupostos teóricos de Pêcheux e Lacan, os quais consideram que o sujeito se constitui por meio da linguagem, sendo que Lacan toma por base o inconsciente. Como se trata de um sujeito do discurso, isto é, falante, tal faculdade humana estabelece a lei da incompletude, bem como defende Lebrun (2008, p. 51) ao discorrer sobre a teoria lacaniana, destacando que “[...] um ser falante, nunca é, portanto, um sujeito pleno, mas um sujeito sempre já ‘dividido’ pela linguagem, sempre ‘furado’, atingido por essa descontinuidade, barrado e em via de se barrar; é o que vai marcá-lo com um inconsciente”. Esse pressuposto ligado ao inconsciente, bem como o suporte teórico-metodológico de Pêcheux, servem de base para tomar esse sujeito-professor como descentrado, não sendo o senhor de seu dizer e no âmbito da incompletude, pelas suas práticas discursivas no colégio.

Ao longo do filme, várias nuances ligadas à ideologia podem ser percebidas nesse sujeito professor, tendo em vista sua formação acadêmica e o espaço que apela para formações ideológicas, uma vez considerado um local de formação de sujeitos sociais. A escola, por sua vez, tomando as palavras de Pêcheux, numa releitura de Althusser, quando formula sobre as ideologias, integra ao que esse autor denomina de aparelho ideológico de Estado, funcionando como considerável instância de interpelação do indivíduo em sujeito (HENRY, 1997).

Frente à atuação desse sujeito-professor, vários discursos podem ser levantados para análises: sua postura dialógica em sala de aula; esforço para manter a disciplina, tendo em vista que a escola se enquadra em uma formação discursiva bem definida; esforço para estabelecer o respeito dos alunos em relação ao professor; a capacidade de perceber o lado positivo do aluno, ainda que este não seja o sujeito ideal para aquele ambiente de estudos.

Nessa perspectiva, consideram-se as formulações de Lacan, bem como afirma Dunker (2016) sobre sujeito e discurso, uma vez que o sujeito não pode ser considerado

na sua dimensão individual, mas social, existindo um laço que o assujeita, fazendo com que esse sujeito seja um efeito do seu discurso. Nessa direção, faz-se necessário considerar, também, que o discurso para Pêcheux emerge povoado de ideologia(s), já que o que atribui o caráter de existência dos discursos são as trocas de sentido entre os sujeitos, tendo a interdiscursividade como aliada nesse processo. Ademais, Henry (1997, p. 34-35) sustenta que Pêcheux “[...] coloca o discurso entre a linguagem (saussuriana) e a ideologia”.

O sujeito-professor Marin apresenta suas discursividades bem demarcadas ao longo da história do filme. Essas formações discursivas que diferem, por exemplo, de outro ambiente informal como a rua, podem ser percebidas no pedido de retirada dos bonés e capuz no início da aula, bem como na relação de respeito entre professor e aluno, quando ele pede para o aluno Rabah que, antes de se levantar, fazer o pedido ao professor: “Peça para se levantar, certo?” (15’17”). Além disso, afirma que não é a vontade do aluno que prevalece (quando Khoumba se recusa a fazer leitura) e o pedido de desculpas pela desobediência ao professor Marin, quando este ordena à estudante a lhe pedir desculpas pela teimosia. Trata-se de discursos que surgem em determinada conjuntura e ideologia dadas, podendo relacionar tais discursos ao conceito de formação discursiva de Pêcheux (1995) e com as formações imaginárias, sobre a imagem desse sujeito (eu) em relação ao outro (alunos), de si mesmo e a que esse outro tem em relação ao professor.

Em consonância com o fundador da AD francesa, essas situações discursivas materializadas no filme podem ser relacionadas às formações discursivas defendidas por Henry (1997), uma vez que, de acordo com a conjuntura escolar e sua ideologia em relação ao processo de ensino e aprendizagem, esses discursos do professor se enquadram no que pode e deve ser dito, objetivando a manutenção dessa ordem. Esse posicionamento define, ainda, as discursividades desse sujeito enquanto sujeito-professor.

Em se tratando de suas aulas, sua postura didática e interesse pelos alunos também é outro ponto que merece destaque, tendo em vista não só as suas subjetividades como professor, mas as relações de intersubjetividades que entram em cena no âmbito escolar. Quanto à sua preocupação com o tempo, trata-se de uma regra da educação, já que esse sujeito se inscreve em uma formação discursiva escolar, com regras que exigem cumprimento, como os conteúdos a serem trabalhados ao longo do

ano. Nessa dimensão, ao aplicar os conteúdos de Língua Francesa, mais precisamente os verbos irregulares, é materializada discursivamente a preocupação quanto à perda de tempo na sala de aula e que não podem ficar só naquilo, mas avançar na matéria. Essa espécie de interpelação fica nítida no início de sua primeira aula, tomando como base um discurso de outros estabelecimentos de ensino: “Há escolas em que trabalham durante uma hora inteira” (5’51”).

A didática do professor Marin demonstra a sua preocupação com os sujeitos-alunos ali presentes. Nesse processo, vale destacar que as ações que demarcam seus posicionamentos em sala de aula, além de suas ideologias como professor, são resultados das posições dos sujeitos estudantes que requerem certos posicionamentos, como uma condição de produção de seus discursos naquele ambiente. Um fator considerável nesse processo é a heterogeneidade dos sujeitos ali presentes, tanto no que tange à faixa etária como cultural e étnica, levando esse sujeito-professor a assumir uma postura de querer nivelá-los, fazer com que a turma seja mais homogênea. Essas discrepâncias geram, inclusive, conflitos na disciplina, pelas diferenças quanto às origens dos estudantes (“... em função das diferentes origens aqui da sala, isso não vai acabar nunca” (12’54”). Para tanto, ele “convida” esses estudantes a participarem ativamente das aulas, seja pela participação oral com a leitura dos textos ou respostas, seja pela cobrança de posicionamentos mais maduros: “Se vocês se comportassem como pessoas de 13, 14 ou 15 anos responderiam à pergunta num minuto e não se falava mais nisto” (25’02”). Essa heterogeneidade em relação aos sujeitos alunos contribuem para a formação do sujeito-professor Marin, como mediador da turma e em contato com discursos variados que se entrecruzam naquele espaço de convivência. Essa condição de produção justifica seus discursos no âmbito de uma posição pautada pela contingência.

Os posicionamentos desse professor apontam para um interesse em relação aos estudantes, conferindo-lhe a constituição de um sujeito engajado no processo educacional, cujas ideologias são compostas, sobretudo pela sensibilidade, em que esse sujeito, além de sua postura profissional, apresenta seu lado humano bastante aflorado. Essas posições são evidenciadas, ainda, pela sua conversa com a aluna Koumba, afirmando-lhe que até no ano anterior tudo estava bem, indagando o porquê de sua mudança; trabalho de levar os alunos ao quadro, como forma de expressão e desinibição; aplicação de um autorretrato com o objetivo de conhecer os sujeitos estudantes de forma mais completa; a recepção harmônica de um estudante que chega

ao decorrer do ano, em que o professor promete ajudá-lo, indicando as atividades que o recém-chegado deverá executar; a decepção do professor quanto à leitura do autorretrato de Souleymane. Trata-se de formações discursivas atravessadas por ideologias de poder levar esses sujeitos à aprendizagem, formá-los para a sociedade, definindo a forma-sujeito desse professor frente às condições por ele deparadas.

Considerando o sujeito social-ideológico, bem como defende Pêcheux (1995), afirma-se que o sujeito-professor Marin apresenta ideologias singulares em relação ao grupo de colegas. Nesse sentido, em reuniões do conselho de classe, o referido professor exterioriza posicionamentos profissionais individuais, como no debate sobre os castigos, em que ele sugere que “... não podemos aplicá-los da mesma forma a todos os casos. Não concordo” (43’02”). Além disso, afirma que: “Mas é por haver regras tão estritas que se cria uma enorme tensão” (43’14”). Frente a essas diferenças, demonstra seu lado individual ressaltando que quebrou a regra do celular porque não era um problema para ele, nas suas aulas. Quanto ao aluno Souleymane, apresenta uma postura diferente de seus colegas, afirmando que: “Prefiro valorizar o que ele faz bem. E há coisas que o interessam” (1:25’29”). Assim, esse sujeito apela para uma formação discursiva educacional/disciplinar diferenciada no âmbito escolar frente a determinadas condições.

O sujeito-professor Marin apresenta seu lado subjetivo pela interação e por uma postura desafiadora frente aos estudantes, assumindo um rigor em sala de aula. Além disso, há passagens do filme que sugerem essa formação discursiva, como diferenças entre aluno e professor (“Vocês precisam entender que eu sou professor e posso dizer certas coisas e os alunos não! E é assim mesmo!” (1:36’55”), fator que reforça a ideia de uma formação discursiva no espaço escolar, indo ao encontro da formulação de Pêcheux (1995), que nem todo sujeito está autorizado a falar o que quer em qualquer época ou lugar. Essa premissa pode ser percebida inclusive no conflito, ao final do filme, entre o professor com as duas delegadas da sala, as quais riem durante a reunião do conselho e, em sala de aula, o professor diz que as duas pareceram “duas vagabundas” pelos seus posicionamentos naquele ambiente, discurso que, na memória coletiva em relação a um sujeito professor, este não é autorizado a proferir em um ambiente escolar.

Sobre as relações discursivas, estas podem ser percebidas ao longo de toda a história: entre professor e aluno; professor e diretor; pais e professor. Essas relações são

relevantes no processo de constituição de sujeitos, ligados a ideologias. Assim, percebe-se que, apesar da expulsão do aluno Souleymane ter sido provocada pela expressão indevida do professor em sala de aula, o diretor agiu em favor do profissional, explicitando uma posição ideológica em relação ao discurso do professor, pela defesa do sujeito profissional e assumindo com ele esse lugar: “Não quero que isso seja utilizado contra nós no conselho disciplinar” (1:44’43”).

Esses discursos produzidos no colégio pelo professor Marin dão indícios do que Pêcheux (1997) denomina de interdiscursividade, tendo em vista que esses discursos se ligam a outros discursos já produzidos, pela memória coletiva sobre o sujeito-professor. As regras escolares, os saberes sobre a língua francesa que se constituem em uma verdade quase que absoluta, a rigidez do professor em sala de aula, são discursos que integram a interdiscursividades, atribuindo sentido às atuais práticas do professor e alunos. Além disso, trata-se de formações discursivas, isto é, o que “pode e deve ser dito”, de acordo com as ideologias escolares. Assim, por essas interdiscursividades, esse sujeito vai se constituindo, assumindo uma forma-sujeito, sendo a escola esse grande Outro que lhe atravessa na sua constituição, e também servindo de base para a constituição dos sujeitos-estudantes.

Frente ao discurso do sujeito protagonista do filme, é preciso perceber que ele fala de um lugar social, não individual, possibilitando compreender as condições de produção para que seus discursos sejam produzidos naquele estabelecimento de ensino: lida com adolescentes, regras escolares que apela para a rigidez, aprendizagem da língua nativa francesa. A fala tomada para análise, como materialidade linguística, faz emergir esse sujeito nos enunciados. Nessa perspectiva, considerando as palavras de Dunker (2016), o qual reflete sobre Lacan, vale destacar que o sujeito não é o centro de seu dizer, mas um efeito de sujeito que é materializado nos discursos, assim como esse sujeito-professor no contexto escolar.

### **Para sair de cena...**

O presente estudo teve por objetivo problematizar o sujeito como efeito do discurso contido no filme *Entre os Muros da Escola*, pela trajetória do professor de Língua Francesa, Marin, no seu contexto de trabalho. Para tanto, alguns conceitos baseados em Pêcheux e Lacan foram acionados, tais como sujeito, discurso, condições

de produção e interdiscurso, possibilitando um olhar investigativo a partir da materialidade discursiva do filme.

Ao longo de seu percurso mostrado na história, de aproximadamente duas horas, o sujeito-professor Marin pode ser tomado como efeito do discurso a partir das ideologias do ambiente escolar, contexto que objetiva a formação de sujeitos sob um imaginário, isto é, cidadãos que cumprirão papéis profissionais e sociais na sociedade na qual irão atuar, além do sistema capitalista que acabam por influenciar esse sistema de ensino. Além disso, a relação é marcada pelo imaginário dos sujeitos professor e alunos, sobre as imagens que fazem de si e do outro, fator que influencia na produção de discursos do sujeito professor. A partir dessa premissa, as formações discursivas desse sujeito professor frente aos alunos assumem um caráter social, não individual, sobretudo pelos elementos linguísticos de suas falas, de seus discursos, cujos sentidos se dão pela interdiscursividade, pelo laço social. Nessa perspectiva, esse sujeito emerge como efeito do discurso escolar, dado pelas ideologias educacionais e pela sua concepção de ensino/aprendizagem, além de seu relacionamento com os sujeitos-alunos, que o levam a assumir sua posição, sua forma-sujeito, pautada pela descontinuidade na história, na ordem do inconsciente.

### **Referência do *corpus***

ENTRE OS MUROS da Escola. Direção: Laurent Cantet, Produção: Caroline Benjo. Imovision, 2008, 1 DVD.

### **Referências**

DUNKER, C. I. L.; MILÁN-RAMOS, J. G.; PAULON, C. P. **Análise Psicanalítica de Discursos: Perspectivas Lacanianas**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2106.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 13-38.

LEBRUN, J. P. O que falar implica. In: \_\_\_\_\_. **A perversão comum: viver juntos sem outro**. Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008, p. 49-81.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADER, Françoise; HAK Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethania S. Mariani [et al.]. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 159-250.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 311-319.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.